



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CAMPUS DO VALE

Av. Bento Gonçalves, 10600 - Porto Alegre - Brasil

Porto Alegre, 27 de junho de 1978

Senhor Diretor,

Tomo a liberdade de remeter a Vossa Senhoria, para os devidos fins, as palavras de natureza interpretativa na Filosofia do Folclore, sobre a temática do Painei - Conceituações dos Grupos Folclóricos - painei este sob a responsabilidade das inteligentes professoras MARIA DE CÁSSIA NASCIMENTO FRADE e MARIA DE LOURDES BORGES RIBEIRO, ambas autoridades brilhantes em Folclore.

Folguedos Folclóricos que abrangem um mundo das manifestações coletivas do pensamento do povo e Danças Folclóricas que por sua vez encarnam não são a restauração e manutenção delas, mas a própria sobrevivência folk da música, ritmo, auto, sapateado e coreografia ou poesia.

Está certo nosso eminente Manoel Diégues Junior, quando admite que se considere que "folguedo popular, todo o fato folclórico dramático". Claro que as propostas de debate são sugestivas e as faço em algum sentido apenas para opinar sobre uma nítida posição das tradições no Sul do País.

A - VI FESTA DO FOLCLORE - em João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba, que o espírito realizador de Vossa Senhoria, levará a efeito, com o esperado sucesso de sempre de todas suas hábeis iniciativas, acolherá desta maneira, se assim o entender quem de direito, o meu voto que está redigido em anexo sobre o renova Tema proposto também para 1978 - CONCEITUAÇÕES DE GRUPOS FOLCLÓRICOS - pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, sob sua erudita e firme Direção.

....

Ilmo. Sr.

Dr. Bráulio do Nascimento

Ilustre Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Rua do Catete, 179



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CAMPUS DO VALE

Av. Bento Gonçalves, 10600 - Porto Alegre - Brasil

.... fls. 2.

Renovo meus agradecimentos ao ilustre e eficiente Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro' do MEC, pela honra que me concedeu ao pedir uma manifestação' de tão interessante motivação em debate de folclore, sôbre ' folguedos e danças.

Aproveito o grato ensejo para reiterar os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

Prof. Dante de Laytano
Secretário-Geral da Comissão'
Gaúcha de Folclore e do Conselho
Nacional de Folclore da CDF do
MEC.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CAMPUS DO VALE

Av. Bento Gonçalves, 10600 - Porto Alegre - Brasil

"Até que ponto há, dentro da mesma cultura, linhas de pensamento e ação reconhecidas convencionalmente, que são incompatíveis entre si, uma vez que exigem uma escolha pela qual é preciso abandonar uma para seguir outra?"

ROBERT REDFIELD - "Civilização e Cultura de Folk"
Chicago. 1941

A interrogação do mestre da Antropologia Norte-Americana e Diretor do Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago, durante tantos anos, e que deu ao folclore novas estruturas científicas, é perfeitamente válida. Pois, interroga sobre áreas diversificadas. Outros dados setoriais que em absoluto podem ser interrogados. E o folclore se coloca por inteiro à flor deste terreno mo-vedido do conceitual.

Antes de mais nada, elogie-se, e sem favor algum, o que vem realizando Braulio do Nascimento na dinamização da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro agora retomado nos seus aspectos - maiores nos grandes encontros como este de João Pessoa. Veja-se assim de que maneira está posicionada a inteligência da investigadora das tradições populares em alto nível que é a Professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro, que tem desta vez uma colaboradora afeita ao sortilégio da pesquisa do folclore, que é a Professora Maria de Cássia Nascimento Frade.

Manoel Diêgues Júnior, em palavras oportunas e bem postas, levantou vinte e cinco anos passados a idéia de conseguir-se uma definição para folguedos e danças, que é folguedo e o que é dança em termos de avaliação de dados culturais, para explicá-los. O folguedo popular, sim, ou folguedo folclórico, ou os dois num só: o popular e o folclórico.

Toda a dança é um folguedo? E o folguedo sem dança? Mas se a dança constitui fragmento e incorporação de folguedo: E a dança dramática como se diferencia da dança que não é dramática? O drama ou a narração sem dança está em índice próprio. Mas se toda a dança é um folguedo, todo o folguedo não é uma dança? Porquê o folguedo e a dança na distensão dos contextos folclóricos, devem ser esmiu-

gads em parte, sobrepertes ou sub-partes, etc.? Claro que não se discute uma proposição assim tão longa de análise interminável mas algumas idéias gerais da montagem de dispositivo filosófico.

Silvio Romero, um pensador dos mais ilustres que tivemos, não só levantou indagações válidas na história social, mas investiu na definição do sociológico em relação ao povo através de seu comportamento, comportamento popular segundo suas manifestações mais variadas.

E na angústia das explicações o fundador da crítica literária como instrumento de trabalho científico também adota de finições - "As tradições populares não se demarcam pelo calendário - das folhinhas; a história não sabe do seu dia natalício, sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento" (Silvio Romero - CANTOS POPULARES DO BRASIL. 1883).

"A Nau Catarineta", em uso no Rio Grande do Sul, e recolhida por Carlos Von Kossertitz, que a remeteu a Silvio Romero e Silvio Romero a faz aparecer nos seus "Cantos Populares do Brasil" é um romance folclórico em verso e de origem portuguesa. Romance que é uma "chácara" clássica da literatura popular luso-brasileira a descrever os acontecimentos vários de uma viajada demorada pelo mar, o impedimento ou lentidão da rota pelas calmarias dominantes e o esgotar da comida até o macabro de diminuir a tripulação com a sorte para sacrificar um de bordo, a aparição do diabo impondo sua tentação em contrapartida com a presença divina salvadora e o ameno raciocínio e afinal leva a bom porto a nau tenebrosa. A musicalidade, a poesia, o romance mais a xácara e o drama, afinal a mesma coisa estão nestes três itens que se somam. Auto popular canto e fandango. Houve mesmo a Nau Catarineta? O eminente Renato Almeida, em sua sapiência habitual em folclore, prova isto, e o mestre ilustre tem razões inteiras. Mas a história da Nau Catarineta se demarca pelo calendário? O que é então folclore?

Mario de Andrade, na sua obra - DANÇAS DRAMÁTICAS NO BRASIL - 1º tomo à página 21, diz que - "Uma das manifestações - mais características da música popular brasileira são as nossas danças-dramáticas. Nisso o povo brasileiro evoluciona bem sobre as raças que nos originam e as outras formações nacionais da América. Possuímos um grupo numeroso de bailados, todos eles provindos de maior ou menor entreccho dramático, textos e músicas e danças próprias. E se me fatiga bastante, pela sua precariedade contemporânea, afirmar que o povo brasileiro é formado de três correntes: portuguesa, africana e ameríndia, sempre é comovente verificar que apenas essas três bases étnicas o povo celebra secularmente, suas danças dramáticas".

J. C. Paixão Cortes e L.C.Barbosa Lessa, no primeiro - MANUAL DE DANÇAS GAÚCHAS - publicação nº 7 da Comissão Sul-Rio-grandense de Folclore, livro depois repetido até por editores internacionais, como a Casa Ricordi, que o reeditou com textos musicais, é - um verdadeiro catálogo da dança do gaúcho. Mas dança de baile ou dramática ou movimentada como parcela de um auto, dança cantada, dança-sapateada ou dança com declamação ou dança de Balet representativo de fatos e coisas? O que dança folclórica está disponível para abranger na sua imensidão de participar do povo.

As danças nas congadas ou as danças do bumba-meu-boi são coreografia de um drama histórico ou econômico das sociedades em estágio primário ou emergentes de uma sociedade pobre e rudimentar - que se socorre do culto como diversificação, oráculo, distração e esperança no representado que sirva a evocação para o transplante ao - real. Impossível ou não, a credença popular não discute viabilidade. Quer que a própria dança quem sabe tenha um sentido de exorcismo mais do que recreação ou festividade.

Evidente que a chimarrita não se incluiria na dança do facão, ou o rilo, o carangueijo, o pezinho, o balaio, tirana de - lenço, quero-mano, ranchera ou terol não se enquadram na dança de pau de fita que mais do que dança ela exprime uma ação e um drama do entrelaçamento, etc. O que é a chula, uma dança dramática ou uma dança guerreira? Esporte? Ou passatempo somente? Por quê o equilíbrio, o sapateio, as palmas, os saltos e a vara no chão que não pode ser pisada mas saltada sem a tocar em nada. O tatu, o anu, meia-canha, pericon, chotes, maçarico, cana-verde mantem-se como danças sociais, festivas, mas elas se comprometem aqui e ali com passagens representáveis em cenas de integração de festejos religiosos ou cívicos.

Os meandros das definições folclóricas exigem que se façam propostas das mais diferentes possíveis para que se atinjam aos resultados próximos ou distantes.

Um folguedo que não tem dança mas é esporte apenas - como no caso dos jogos de campanha riograndense. O Jogo do Osso - ou o - Jogo de tejo e então o - o jogo do talho. Este último, uma verdadeira esgrima, duelo de faca ou facão para cortar o adversário de leve. O tejo é um pedaço de telha jogada sobre risco do chão ou o jogo do osso é maneira d'ê cair, o lado de azar ou culo, ou da sorte que dá a vitória. Mais o jogo das pedras com sessenta pedrinhas. E o clássico jogo das carreiras de cavalo. Cancha reta, pence de cavalos, etc. E a corrida de Boi na Região Açoriana do Sul do Brasil? Ou então as demonstrações também esportivas de genetiar ou o uso da lança e da argola como no caso das "cavalhadas" que é um folguedo dramático, narrativo, histórico e esportivo com a exigir a habilidade de cada montador as Floripas, o Estandarte, as armas, as cores azuis e encarnadas ou

pretas, os cristãos e mouros, etc. As "cavalhadas" são um folguedo como decorrência etimológica de ação. Mas, no fundo, representa mesmo - um auto de inteiriza dramática com todas as envoltórias recordadoras da Idade Média e a luta religiosa, princesas, ateus e convertidos, cristãos e arabes, castelos, incêndios, assaltos, embatizadas, apostas, torneios, etc.

"Os folkways são uma força social. A maneira pela qual os folkways se produzem, consistem na repetição frequente de pequenos atos, muitas vezes praticados por grande número de pessoas que agem conjuntamente ou, pelo menos, da mesma maneira, vão enfrentando a mesma necessidade. O motivo imediato é o interesse, que produz hábito no indivíduo e costume no grupo. São os "folkways" pois originais e primitivos no mais alto grau. Por meio do hábito e do costume exercem pressão sobre todos os indivíduos abrangendo em seu âmbito: elevam-se portanto a uma força social a qual se devem várias classes de fenômenos sociais. É possível estudar seus próprios estágios, seu curso e suas leis, bem como sua influência sobre os indivíduos e a reação que neles provocam. Somos forçados a reconhecer nos "folkways" uma das principais forças que levam uma sociedade a ser o que é. Da experiência inconsciente envolvida em cada repetição de certos atos, resulta prazer ou dor e depois, na medida em que os homens são capazes de refletir, resultam convicções de que estes atos são proveitosos ao bem estar da sociedade". É o ensinamento de William Graham Sumner, no seu clássico FOLKWAYS -, publicado em 1906, e que colocou o folclore como uma força de legado científico e poderosa na confecção do todo social como expressão da naturalidade dos sentimentos étnicos ou morais, psicológicos ou históricos e antropológicos. O equilíbrio entre "folkways" e "mores", para Graham, que foi criar estas duas palavras, para heranças populares e costume popular, um vindo, outro na funcionalidade do tempo, um passado e outro presente, mas ambos na fabricação do fato folclórico - como herança antiga ou sistema fixador pode explicar as raízes do folclórico. Não se autoriza delinear fronteiras, estabelecer limites ou linhas divisórias do saber popular. Ou se tentará impor uma geografia cultural ou um espaço geográfico ou determinante para cada fato folclórico. Uma definição será sempre uma proposição, não definitiva. Se o "folguedo" popular deve ser considerado todo o fato folclórico dramático, coletivo e com estruturação estamos, com a definição certa. Porque uma rinha de galo é um folguedo folclórico ou as festas de igreja na sua parte exterior são folguedos folclóricos? Mas uma rinha de galo é esporte antes de tudo e não um folguedo popular em sua unidade criativa. O esporte está se definindo por completo. Mas as festas do Divino são manifestações religiosas em termos de folguedos externos da vida espiritual. E as congadas são folguedos somente pelo drama dos autos cantados, dançados e representados em prosa e verso ou em desfile e

.....

marchas militares com aspectos guerreiros e musicais e marciais, etc. O folguedo popular é uma decorrência do fato da extroversão das gentes e não assume compromisso de enquadramento religioso ou esportivo. A cavalhada é um folguedo, e reúne todos os aspectos admissíveis na infra estrutura do fato folclórico, da religiosidade ao esporte, etc. - Portanto um folguedo popular com todo o fato folclórico dramático. A Festa do Divino Espírito Santo é um folguedo folclórico ou as danças dramáticas que são as representadas ou cantadas ou narradas e até as danças guerreiras, de desafio com canto ou sem canto ou sem sapateados e o quanto que uma dança se apresenta no seu todo folclórico para ser ou não também uma dança dramática. Claro que as danças dramáticas se planteiam em lado oposto as danças de baile apenas, ou então elas se incluem nas danças puras e simples quando as danças se envolvem com o drama da representação coreográfica ou poética ou de desafio ou esporte. As características das danças folclóricas estão apontadas no esquema proposto. Quando se evoca a indumentária ou então sem a indumentária, mais as danças folclóricas sem texto dramático ou com ensaio ou sem ensaio. Então a dança folclórica seria a que recuaria no tempo. E a dança vigente apenas dança. Mas os agentes e produtores de folclore encarregar-se-ão no inconsciente da sobrevivência que irá percorrer o espaço da cronologia da história. Assim, as características das DANÇAS FOLCLÓRICAS e as características dos FOLGUEDOS FOLCLÓRICOS estão no processo da mobilidade social. Pode-se definir o folguedo e também se define a dança, ambas folclóricas, mas a linha divisória será fixa? Certo que o não especialista ainda se confunde entre dança popular e dança folclórica ou folguedo popular e folguedo folclórico. Uma partida de foot-ball é um folguedo popular mas não um folguedo folclórico. Ou é? E a rinha de galo sim é um folguedo folclórico. Como separar as coisas? Uma dança rock é uma dança popular mas o pesinho é uma dança folclórica.

É a manutenção ou sobrevivência que a definem? Ou o tempo que elas existem? Ou estão na memória e não estão mais na memória?

Estas palavras para aprovar a definição de nosso e rudito companheiro Manoel Diégues Júnior tem apenas o caráter especulativo e debatedor porque o verbete está correto na sua formulação.

Assim, as professoras Maria de Lourdes Borges Ribeiro e Maria de Cássia Nascimento Frade, realizaram, de forma exemplar um esquema da contribuição acertada para a conceituação e classificação de manifestações folclóricas em danças e folguedos. Um esquema padrão de suficiências interpretativas em todas as diretrizes.

Dante de Laytano
Prof. DANTE DE LAYTANO